
Sonhos de Inverno

I

Alguns dos *caddies* eram pobres como o pecado e viviam em casas de um só aposento, com uma vaca neurastênica no pátio da frente, mas o pai de Dexter Green era dono da segunda melhor mercearia de Black Bear – a melhor era “The Hub,” frequentada pelos ricos de Sherry Island –, e Dexter trabalhava como *caddy* só para ter o próprio dinheiro.

No outono, quando os dias se tornaram frios e cinzas, e o longo inverno de Minnesota baixou como a tampa branca de uma caixa, os esquis de Dexter arrastavam-se na neve que ocultava os *fairways* do campo de golfe. Nessas ocasiões, o campo lhe dava uma sensação de profunda melancolia – ofendia-o que os *links* devessem permanecer em ociosidade forçada, frequentados por pardais desgrenhados por toda a longa estação. Também era triste que nos *tees*, onde cores alegres tremulavam no verão, agora houvesse apenas caixas de areia, afundadas no gelo encrostado até a altura do joelho. Quando ele atravessava as colinas, o vento soprava frio como a miséria e, se havia sol, caminhava com os olhos semicerrados contra o brilho duro e incomensurável.

Em abril, o inverno cessou abruptamente. A neve corria para o lago Black Bear, mal esperando pelos primeiros jogadores de golfe, que vinham desafiar a estação com bolas vermelhas e pretas. Sem exaltação, sem um intervalo de glória úmida, o frio se fora.

Dexter sabia que havia algo lúgubre nessa primavera do norte, assim como sabia que havia algo lindo no outono. O outono fazia-o apertar as mãos e tremer, e repetir frases idiotas para si mesmo, e fazer gestos abruptos de comando a plateias e exércitos imaginários. Outubro enchia-o de esperança, que novembro elevava a uma espécie de triunfo extático e, nesse estado de espírito, as impressões fugidias e brilhantes do verão em Sherry Island levavam água ao seu moinho. Virou campeão de golfe, e derrotou o sr. T. A. Hedrick em uma partida maravilhosa, jogada centenas de vezes nos *fairways* de sua imaginação, uma partida cujos detalhes modificava incansavelmente – às vezes, ganhava com facilidade quase risível, às vezes revertia magnificamente uma desvantagem. Ou ainda, saindo de um automóvel Pierce-Arrow, como o sr. Mortimer Jones, caminhava, frio, pelo salão do Clube de Golfe de Sherry Island – ou, talvez, cercado de uma multidão de admiradores, dava uma exibição de saltos ornamentais no trampolim da plataforma do clube... Entre os que assitiam-no, pasmados, de boca aberta, estava o sr. Mortimer Jones.

E um dia aconteceu que o sr. Jones – ele mesmo, e não seu fantasma – foi até Dexter, com lágrimas nos olhos, e disse que Dexter era o melhor *caddy* *** do clube, e será que ele decidiria não abandonar a função caso o sr. Jones o recompensasse por aquilo, pois todos os outros *caddies* *** do clube perdiam uma bola sua por buraco – regularmente.

– Não, senhor – disse Dexter, decidido. – Não quero mais ser *caddy*. E então, depois de uma pausa: – Estou velho demais.

– Você não tem mais de 14 anos. Por que diabos decidiu parar justo nessa manhã? Você prometeu que na semana que vem iria ao torneio estadual comigo.

– Decidi que estava velho demais.

Dexter entregou seu crachá “Classe A”, pegou o dinheiro que lhe deviam com o chefe dos *caddies*, e andou para casa, na vila Black Bear.

– O melhor *caddy* *** que já vi – gritou o sr. Mortimer Jones, tomando uma bebida naquela tarde. – Nunca perdeu uma bola! Disposto! Inteligente! Quietos! Honesto! Agradecido!

A garotinha que tinha feito aquilo tinha 11 anos – lindamente feia, como costumam ser as garotinhas destinadas, alguns anos depois, a serem indizivelmente adoráveis, e trazerem miséria sem fim a um grande número de homens. A fãisca, contudo, era perceptível. Havia uma impiedade

geral no jeito de seus lábios caírem nos cantos ao sorrir, e no – que os céus nos ajudem! – jeito quase apaixonado de seus olhos. A vitalidade nasce cedo em mulheres assim. Estava em perfeita evidência agora, cintilando através de seu esqueleto magro em uma espécie de fulgor.

Viera ao campo ansiosa, às nove horas, com uma aia vestida de linho branco e cinco tacos de golfe, pequenos e novos, em uma bolsa branca de lona, que a aia carregava. Quando Dexter a viu pela primeira vez, ela estava ao lado da casa dos *caddies*, bastante constrangida, e tentando encobrir o fato entabulando, com a aia, uma conversa obviamente artificial, ornada com trejeitos assustadores e irrelevantes da parte dela.

– Bem, com certeza é um belo dia, Hilda – Dexter ouviu-a dizer. Ela abaixou os cantos da boca, sorriu e olhou furtivamente ao redor, com os olhos em trânsito caindo por um instante em Dexter.

E então para a aia:

– Bem, acho que não há muita gente por aqui nessa manhã.

O sorriso de novo – radiante, descaradamente artificial – convincente.

– Não sei o que devemos fazer agora – disse a aia, olhando para nenhum lugar em particular.

– Ah, está tudo bem. Darei um jeito.

Dexter ficou perfeitamente parado, com a boca ligeiramente entreaberta. Sabia que, se desse um passo adiante, seu olhar estaria na linha de visão dela – se se movesse para trás, perderia a visão completa de seu rosto. Por um momento, não percebeu quão jovem ela era. Agora lembrava-se de tê-la visto várias vezes no ano anterior – de calçolas.

De repente, involuntariamente, ele riu, um riso breve e abrupto – daí, surpreso consigo mesmo, virou-se e começou a se afastar rapidamente.

– Menino!

Dexter parou.

– Menino.

Sem dúvida, dirigiam-se a ele. Não só isso, mas estava sendo recompensado com aquele sorriso absurdo, aquele sorriso estapafúrdio – cuja memória pelo menos uma dúzia de homens conservaria até a meia-idade.

– Menino, você sabe onde está o professor de golfe?

– Está dando uma aula.

– Bem, você sabe onde está o chefe dos *caddies*?

– Ainda não chegou.

– Ah. – Por um momento, isso a frustrou. Trocou o peso do corpo entre o pé direito e o esquerdo.

– Queríamos um *caddy* – disse a aia. – A sra. Mortimer Jones nos mandou jogar golfe, e não sabemos como fazer isso sem um *caddy*.

Neste ponto ela foi silenciada por um olhar ameaçador da srta. Jones, seguido imediatamente pelo sorriso.

– Não há nenhum *caddy* aqui além de mim – Dexter disse à aia –, e tenho que ficar aqui, tomando conta, até o chefe dos *caddies* chegar.

– Ah.

A srta. Jones e seu séquito retiraram-se e, a uma distância adequada de Dexter, envolveram-se em uma conversa acalorada, que terminou com a srta. Jones pegando um dos tacos e batendo-o no chão com violência. Para enfatizar mais, ergueu-o de novo, e estava para baixá-lo rapidamente no peito da aia quando esta agarrou o taco e tirou-o de suas mãos.

– Sua maldita *coisinha* velha ruim! – gritou a srta. Jones, feroz.

Seguiu-se outra discussão. Percebendo os elementos de comédia implícitos na cena, Dexter começou a rir várias vezes, mas a cada uma delas reprimiu-se antes que o riso se tornasse audível. Não podia resistir à convicção monstruosa de que a garotinha tinha justificativa para bater na aia.

A situação foi resolvida pela aparição fortuita do chefe dos *caddies*, chamado imediatamente pela aia.

– A srta. Jones precisa de um *caddy*, e esse aí diz que não pode ir.

– O sr. McKenna disse que eu tinha que esperar aqui até você chegar – disse Dexter, rapidamente.

– Bem, ele está aqui agora. – A srta. Jones sorriu alegre para o chefe dos *caddies*. Daí ela largou a bolsa, e se encaminhou, a passo insolente, para o primeiro *tee*.

– E então? – O chefe dos *caddies* virou-se para Dexter. – Por que está parado aí que nem um bobo? Vá pegar os tacos da jovem.

– Não acho que vou sair hoje – disse Dexter.

– Você não...

– Acho que vou me demitir.

A enormidade de sua decisão assustou-o. Era um dos *caddies* favoritos, e os 30 dólares por mês que ganhava no verão não podiam ser obtidos em nenhum outro lugar à margem do lago. Mas tinha recebido um choque emocional forte, e sua perturbação requeria uma saída violenta e imediata.

Tampouco era tão simples assim. Como tão frequentemente seria o caso no futuro, Dexter estava sendo inconscientemente dirigido por seus sonhos de inverno.

II

Pois bem, naturalmente, a qualidade e a periodicidade desses sonhos de inverno variavam, mas sua substância permanecia. Eles persuadiram Dexter, muitos anos depois, a recusar um curso de negócios na universidade estadual – seu pai, então próspero, teria pago por isso –, pela vantagem precária de frequentar uma universidade mais velha e mais famosa, no Leste, onde era constrangido por seus fundos escassos. Mas não fique com a impressão, por seus sonhos de inverno serem inicialmente preocupados com a contemplação dos ricos, de que havia algo de meramente esnobe no menino. Ele não queria associação com coisas brilhantes e pessoas brilhantes – queria as próprias coisas brilhantes. Era frequente ele tentar alcançar o melhor sem saber por que o queria – e, às vezes, defrontava-se com as negações e proibições misteriosas que a vida se permite. É com uma dessas negações, e não com sua carreira como um todo, que esta história lida.

Ele fez dinheiro. Foi impressionante. Depois da faculdade, foi à cidade de onde vêm os frequentadores ricos do lago Black Bear. Quando tinha apenas 23 anos, e estava lá há menos de dois, já havia gente que gostava de dizer: “Ah, *esse sim* é um rapaz ***”. A seu redor, os filhos dos ricos estavam negociando títulos precariamente, ou investindo em patrimônios precariamente, ou se arrastando pelas duas dúzias de volumes do “Curso Comercial George Washington”, mas Dexter tomou emprestados mil dólares, graças ao título universitário e à lábia confiante, e comprou uma sociedade em uma lavanderia.

Era uma lavanderia pequena quando ele entrou, mas Dexter dedicou-se a aprender como os ingleses lavavam meias de lã finas de golfe sem encolher e, em um ano, estava oferecendo seu serviço aos usuários de *knickerbockers*²¹. Os homens insistiam para que suas calças e suéteres Shetland fossem para sua lavanderia, assim como antes tinham insistido em um *caddy* que conseguia achar as bolas de golfe. Um pouco mais tarde, estava cuidando também da *lingerie* de suas esposas – e comandando cinco filiais em diferentes partes da cidade. Antes dos 27 anos, possuía a maior rede de lavanderias em sua parte do país. Foi então que ele a vendeu e foi para Nova York. Mas a parte de sua história que nos concerne remete aos dias em que ele estava obtendo seu primeiro grande sucesso.

Com 23 anos, o sr. Hart – um dos homens de cabelos grisalhos que gostavam de dizer “Esse sim é um rapaz” – deu-lhe um cartão de convidado para o Clube de Golfe Sherry Island, por um fim de semana. Então, certo dia, ele assinou o registro e, naquela tarde, jogou golfe a quatro, com o sr. Hart, o sr. Sandwood e o sr. T. A. Hedrick. Não achou necessário observar que carregara a bolsa do sr. Hart naqueles mesmos *links*, e que conhecia cada armadilha e valeta de olhos fechados – mas se viu olhando para os quatro *caddies* que os seguiam, tentando captar um detalhe ou gesto que o fizessem lembrar de si mesmo, que diminuíssem a brecha entre seu presente e seu passado.

Foi um dia curioso, cortado abruptamente por impressões fugidias, familiares. Em um minuto, tinha a sensação de ser um invasor – no seguinte, estava impressionado pela tremenda superioridade que sentia com relação ao sr. T. A. Hedrick, um chato, que nem era mais um bom golfista.

Então, por causa de uma bola que o sr. Hart perdeu perto do décimo-*quinto green*, aconteceu uma coisa enorme. Enquanto procuravam na grama dura do *rough*, houve um grito claro de “Bola^{23!}” vindo de trás de uma colina, na retaguarda deles. Conforme todos interromperam abruptamente a busca, uma brilhante bola nova cortou o ar abruptamente por cima da colina, e atingiu o sr. T. A. Hedrick no abdômen.

– Por Deus! – gritou o sr. T. A. Hedrick. – Deviam colocar algumas dessas loucas para fora do campo. Está ficando ultrajante.

Uma cabeça e uma voz apareceram juntas pela colina:

– Vocês se importam se passarmos?

– Você me acertou no estômago – declarou o sr. Hedrick, feroz.

– Foi? – A garota se aproximou do grupo de homens. – Lamento. Gritei “Bola!”

Seu olhar passou casualmente por cada um dos homens – e então esquadrinhou o *fairway* à procura da bola.

– Vim parar no *rough*?

Era impossível determinar se essa pergunta era ingênua ou maliciosa. Em um momento, contudo, não houve dúvidas, pois, quando sua parceira apareceu pela colina ela gritou, alegre:

– Estou aqui! Teria passado pelo *green*, mas acertei algo.

Enquanto ela se aprumava para uma tacada de *mashie*²⁶, Dexter observou-a com atenção. Usava um vestido azul de guingão, ornado na gola e nos ombros por bordas brancas, que lhe acentuavam o bronzeado. As características de exagero, de magreza, que tornavam absurdos, aos 11 anos, seus olhos apaixonados e sua boca de cantos caídos, agora não existiam mais. Era de uma beleza cativante. A cor de suas faces era centrada, como

a cor de um quadro – não era uma cor “forte”, mas uma espécie de calor flutuante e febril, tão sutil que parecia prestes a recuar e desaparecer. Essa cor, e a mobilidade da boca, davam uma impressão contínua de fluxo, de vida intensa, de vitalidade apaixonada – balanceada, apenas parcialmente, pela triste ostentação de seus olhos.

Balançou o *mashie* com impaciência e desinteresse, lançando a bola em uma caixa de areia do outro lado do *green*. Com um sorriso rápido e insincero, e um “obrigada!” descuidado, foi atrás dela.

– Essa Judy Jones! – observou o sr. Hedrick, no *tee* seguinte, enquanto esperavam – por alguns instantes – que ela jogasse à frente. – Tudo de que ela precisa é que a virem e deem umas palmadas por seis meses, e depois que a casem com um capitão de cavalaria antiquado.

– Meu Deus, ela é bonita! – disse o sr. Sandwood, que tinha pouco mais de 30 anos.

– Bonita! – gritou o sr. Hedrick, desdenhoso. – Ela sempre parece que quer ser beijada! Colocando esses grandes olhos de vaca em todos os bezerros da cidade!

É duvidoso que o sr. Hedrick tivesse em mente uma referência ao instinto maternal.

– Ela jogaria golfe muito bem, se tentasse – disse o sr. Sandwood.

– Ela não tem forma – disse o sr. Hedrick, sério.

– Ela tem uma bela figura – disse o sr. Sandwood.

– Melhor agradecer ao Senhor por ela não ter uma tacada mais viva – disse o sr. Hart, piscando para Dexter.

No fim da tarde, o sol baixou com um redemoinho tormentoso de ouro, azuis e escarlates variados, e deixou a noite seca e murmurante do verão do oeste. Dexter contemplava, da varanda do Clube de Golfe, as águas se sobrepondo uniformemente ao vento fraco, melaço de prata sob a lua cheia. Então a lua pôs um dedo nos lábios, e o lago se tornou uma piscina clara, pálida e quieta. Dexter vestiu seu traje de banho e nadou até a plataforma mais distante, onde se deitou, pingando, na lona molhada do trampolim.

Havia um peixe pulando, uma estrela brilhando e as luzes ao redor do lago cintilavam. Em uma península escura, um piano tocava as canções do verão passado, e de verões anteriores – canções das operetas “Chin-Chin”, “O Conde de Luxemburgo” e “O Soldado de Chocolate” – e, como Dexter sempre achara belo o som de um piano sobre uma extensão de água, ele ficou deitado, em perfeito silêncio, escutando.

A melodia que o piano estava tocando naquele momento fora alegre e nova cinco anos antes, quando Dexter estava no segundo ano de faculdade. Tocaram-na em um baile de formatura, em uma época em que ele não podia pagar pelo luxo de bailes, e ficara do lado de fora do ginásio, escutando. O som da melodia precipitou-lhe uma espécie de êxtase, e foi com esse êxtase que ele considerou o que estava lhe acontecendo agora. Era um estado de espírito de apreciação intensa, uma sensação de que, ao menos, estava em magnífica sintonia com a vida, e de que tudo a sua volta irradiava um brilho e um *glamour* que ele talvez jamais experimentasse de novo.

Um oblongo baixo e pálido separou-se de repente da escuridão da ilha, emitindo o som reverberante de um barco de corrida a motor. Duas faixas brancas de água fendida rolavam atrás dele e, quase imediatamente, o barco estava a seu lado, abafando o tinido do piano com o zumbido de seu

jorro. Dexter, erguendo-se com os braços, percebeu uma figura de pé, no timão, dois olhos negros fitando-o sobre a extensão de água a se alongar – daí o barco se foi, girando em um círculo imenso e despropositado de respingos, rodando e rodando no meio do lago. Com igual excentricidade, um dos círculos encolheu e voltou na direção da plataforma.

– Quem é? – ela gritou, desligando o motor. Estava tão perto agora que Dexter podia ver seu traje de banho, que consistia, aparentemente, em um macacão cor-de-rosa.

A proa do barco bateu na plataforma e, quando esta se inclinou perigosamente, ele foi jogado na direção dela. Com graus diferentes de interesse, reconheceram um ao outro.

– Você não é um daqueles homens por quem passamos jogando nessa tarde? – ela indagou.

Ele era.

– Bem, você sabe dirigir um barco a motor? Porque, se souber, gostaria que você o dirigisse, para que eu possa surfar na prancha, atrás. Meu nome é Judy Jones – ela o obsequiou com um sorriso absurdo e afetado – ou melhor, que tentava ser afetado, pois, por mais que ela torcesse a boca, não era grotesco, era simplesmente belo –, e moro numa casa lá na ilha, e naquela casa tem um homem me esperando. Quando ele apareceu na minha porta, escapei pela doca, pois ele disse que sou seu ideal.

Havia um peixe pulando, uma estrela brilhando, e as luzes ao redor do lago cintilavam. Dexter sentou-se ao lado de Judy Jones, e ela lhe explicou como dirigir seu barco. Daí ela estava na água, nadando até a prancha de surfe flutuante com um sinuoso nado livre. Contemplá-la não custava esforço ao olho, como contemplar um galho a balançar, ou uma gaivota a voar. Seus braços, de um moreno cáqui, moviam-se sinuosamente entre as ondulações opacas de platina, o cotovelo aparecendo primeiro, jogando o antebraço para trás com uma cadência de água caindo, depois lançando-o para frente e para trás, abrindo uma trilha adiante.

Avançaram pelo lago; ao se virar, Dexter viu que ela estava se ajoelhando na parte traseira e baixa da prancha de surfe, agora inclinada.

– Vá mais rápido – ela gritou –, o mais rápido que der.

Obediente, ele moveu a alavanca para a frente, e os respingos brancos subiram até a proa. Quando ele voltou a olhar ao redor, a garota estava de pé, na prancha a deslizar, com os braços afastados, os olhos erguidos para a lua.

– Faz um frio terrível – ela berrou. – Qual é seu nome?

Ele disse.

– Bem, por que você não vem jantar amanhã à noite?

Seu coração girou como o timão do barco e, pela segunda vez, um capricho casual dela deu uma nova direção à vida dele.

III

Na noite seguinte, enquanto esperava que ela descesse as escadas, Dexter povoou o salão de verão, com suas almofadas profundas e uma varanda que se abria a partir dele, com os homens que já tinham amado Judy Jones. Sabia que tipo de homens eram – os homens que, quando ele chegou à universidade, vinham de grandes escolas privadas, com roupas requintadas e o bronzado profundo de verões saudáveis. Tinha percebido que, em certo sentido, ele era melhor do que aqueles homens. Era mais novo e mais forte. Porém, ao admitir para si mesmo que queria que seus filhos fossem como eles, reconhecia que não era nada além da matéria bruta e forte da qual eles eternamente jorravam.

Quando chegou a hora de usar roupas boas, ele sabia quais eram os melhores alfaiates da América, e os melhores alfaiates da América tinham feito o terno que ele usava naquela noite. Adquirira a reserva particular, peculiar a sua universidade, que a diferenciava das outras. Reconhecia o valor que tinha para ele aquele maneirismo, e adotou-o; sabia que ser

descuidado no traje e nos modos requeria mais confiança do que ser cuidadoso. Mas o descuido seria para seus filhos. O sobrenome de sua mãe era Krimlich. Era uma camponesa da Boêmia, que falara mal o inglês até o fim de seus dias. Seu filho devia se ater a padrões estabelecidos.

Um pouco depois das sete, Judy Jones desceu as escadas. Trajava um vestido de tarde azul, de seda, e ele inicialmente ficou desapontado por ela não ter vestido algo mais elaborado. Essa sensação se acentuou quando, após uma breve saudação, ela foi até a porta da copa e, abrindo-a, gritou:

– Pode servir o jantar, Martha.

Ele tinha esperado que, ao invés disso, um mordomo anunciaria o jantar, que haveria um coquetel. Mas deixou esses pensamentos para trás quando se sentaram lado a lado em um divã, e olharam um para o outro.

– Meu pai e minha mãe não estarão aqui – ela disse, pensativa.

Ele se lembrou da última vez em que vira o pai dela, e ficou feliz por eles não estarem ali naquela noite – eles poderiam se perguntar quem ele era. Nascera em Keeble, um vilarejo de Minnesota 50 milhas ao norte, e sempre dera Keeble como sua casa, em vez da vila Black Bear. Cidades do interior eram boas o suficiente como origem, desde que não estivessem inconvenientemente à vista, nem fossem usadas como tamborete por lagos da moda.

Falaram da universidade dele, que ela visitara frequentemente nos últimos dois anos, e da cidade vizinha, que provia Sherry Island de clientes, e para onde Dexter voltaria, no dia seguinte, para suas prósperas lavanderias.

No jantar, ela caiu em uma depressão mal humorada, que transmitiu a Dexter uma sensação de inquietude. Qualquer petulância que ela proferia em sua voz rouca preocupava-o. Quando ela sorria para qualquer coisa – para ele, para um figado de galinha, para nada –, perturbava-o que seu sorriso não brotasse da alegria, nem mesmo da diversão. Quando os cantos escarlates de sua boca se curvavam para baixo, era menos um sorriso do que um convite ao beijo.

Então, depois do jantar, ela o levou à varanda escura, e deliberadamente alterou o clima.

– Você se importa se eu chorar um pouco? – ela disse.

– Temo estar entediando você – ele respondeu, rápido.

– Não está. Gosto de você. Mas tive uma tarde terrível. Tinha um homem de quem eu gostava e, nessa tarde, ele me contou, do nada, que é pobre de doer. Ele nunca tinha aludido a isso antes. Isso soa horrivelmente mundano?

– Talvez ele estivesse com medo de contar para você.

– Imagino que sim – ela respondeu. – Ele não começou direito. Veja, se eu tivesse achado que ele era pobre – bem, fui louca por muitos homens pobres, com plena intenção de me casar com todos eles. Mas, nesse caso, eu não pensava nele assim, e meu interesse nele não era forte o suficiente para sobreviver ao choque. Como se uma garota calmamente informasse a seu noivo que era viúva. Ele podia não ter objeção a viúvas, porém...

– Vamos começar direito – ela se interrompeu, de repente. – Quem é você afinal?

Por um momento, Dexter hesitou. Daí:

– Não sou ninguém – anunciou. – Minha carreira é, em grande parte, uma questão de futuros.

– Você é pobre?

– Não – ele disse, com franqueza. – Provavelmente estou ganhando mais dinheiro do que qualquer homem de minha idade no Nordeste. Sei que é uma observação antipática, mas você me aconselhou a começar direito.

Houve uma pausa. Então ela sorriu, e os cantos de sua boca baixaram, e um movimento quase imperceptível levou-a para mais perto dele, olhando-o nos olhos. Dexter sentiu um nó na garganta e esperou pelo experimento com a respiração suspensa, encarando o composto imprevisível que se formaria misteriosamente a partir dos elementos dos lábios dos dois. Então ele viu – ela lhe comunicou sua excitação prodigamente, profundamente, com beijos que não eram promessa, mas realização. Causaram-lhe não fome, exigindo renovação, mas saturação, que exigiria mais saturação... beijos que eram como caridade, criando necessidade sem reter nada.

Ele não levou muitas horas para decidir que queria Judy Jones desde quando era um menino orgulhoso e cheio de desejos.

IV

Começou assim – e continuou, com graus variáveis de intensidade, no mesmo tom, até o desenlace. Dexter entregou uma parte de si à personalidade mais direta e inescrupulosa com que jamais entrara em contato. Quando queria alguma coisa, Judy ia atrás, com toda a pressão de seu charme. Não havia divergência de método, luta por posição ou premeditação de efeito – seus casos tinham todos um lado mental muito pequeno. Ela simplesmente tornava os homens conscientes, no mais alto grau, do quanto era adorável fisicamente. Dexter não tinha desejo de mudá-la. Seus defeitos estavam entrelaçados com uma energia apaixonada que os transcendia e justificava.

Quando, com a cabeça em seu ombro, naquela primeira noite, Judy sussurrou “Eu não sei o que acontece comigo. Na noite passada, achei que estava apaixonada por um homem, e esta noite acho que estou apaixonada por você”, pareceu a ele uma coisa romântica e bonita de se dizer. Era a deliciosa excitabilidade que, naquele momento, ele controlava e possuía. Porém, uma semana depois, foi compelido a ver essa mesma qualidade sob uma luz diferente. Ela o levou, em seu *roadster*⁴⁵, para um piquenique noturno e, depois do jantar, desapareceu, igualmente em seu *roadster*, com outro homem. Dexter ficou enormemente aborrecido, e quase não conseguiu ser decentemente educado com os demais presentes. Quando ela lhe assegurou que não tinha beijado o outro homem, soube que estava mentindo – contudo, ficou contente por ela ter se dado o trabalho de mentir para ele.

Ele era, como descobriu antes do fim do verão, um dentre uma dúzia variável que circulava em torno dela. Cada um foi, por um tempo, favorecido em detrimento dos outros – cerca da metade ainda desfrutava do consolo de renascimentos sentimentais ocasionais. Quando alguém dava sinais de cair fora devido a uma negligência prolongada, ela lhe concedia uma breve hora melíflua, que o encorajava a continuar seguindo-a por um ano, ou mais. Judy fazia essas incursões contra os desamparados e derrotados sem malícia, de fato meio inconsciente de que havia algo de perverso no que fazia.

Quando um homem novo chegava à cidade, todos os outros eram largados – os encontros eram automaticamente cancelados.

A parte inútil de tentar fazer algo a respeito é que ela fazia tudo sozinha. Não era uma garota que podia ser “vencida” no sentido cinético – era resistente à esperteza, era resistente ao charme; se alguém a assediava com muita intensidade, ela imediatamente resolvia o caso em base física e, sob a magia de seu esplendor físico, tanto o forte quanto o brilhante jogariam o jogo dela, e não o próprio. Distraía-se apenas pela gratificação de seus desejos, e pelo exercício direto de seu charme. Talvez devido a tanto amor juvenil, a tantos amantes juvenis, ela tivesse passado, em autodefesa, a se nutrir totalmente a partir de dentro de si mesma.

Após a euforia inicial de Dexter, vieram o desassossego e a insatisfação. O êxtase abandonado de se perder nela era mais um ópio que um tônico. Foi uma sorte para seu trabalho que, durante o inverno, esses momentos de êxtase viessem com pouca frequência. No começo de sua relação, pare-

ceu, por algum tempo, haver uma atração mútua profunda e espontânea – aquele primeiro agosto, por exemplo: três dias de longas noites em sua varanda escura, de estranhos beijos lívidos no final da tarde em quiosques sombreados ou atrás das treliças protetoras dos caramanchões do jardim, ou das manhãs em que ela era fresca como um sonho e quase tímida por encontrá-lo na claridade do dia nascente. Havia todo o êxtase de um noivado, aguçado pela compreensão dele de que não havia noivado. Foi durante esses três dias que ele, pela primeira vez, pediu-a em casamento. Ela disse “talvez algum dia”, ela disse “beije-me”, ela disse “eu gostaria de me casar com você”, ela disse “eu te amo” – ela disse – nada.

Os três dias foram interrompidos pela chegada de um homem de Nova York, que ficou na casa dela metade de setembro. Para agonia de Dexter, havia rumores sobre eles. O homem era o filho do presidente de uma grande sociedade fiduciária. Porém, ao fim de um mês, relatou-se que Judy estava bocejando. Em um baile, ela passou a noite inteira em um barco a motor com um bonitão local, enquanto o nova-iorquino procurava-a no clube, freneticamente. Ela contou ao bonitão local que estava entediada com seu visitante e, dois dias mais tarde, ele partiu. Ela foi vista com ele na estação, e o relato é de que ele parecia mesmo muito triste.

O verão terminou nesse tom. Dexter estava com 24 anos, e se encontrava cada vez mais em posição de fazer o que quisesse. Entrou em dois clubes da cidade e se alojou em um deles. Embora não fosse de modo algum membro integral dos grupos de “garanhões” desses clubes, conseguia estar à mão em bailes em que Judy Jones provavelmente apareceria. Podia sair socialmente o quanto quisesse – era um jovem disponível, e popular entre os pais do centro da cidade. Sua devoção confessa a Judy Jones solidificou bastante sua posição. Mas não tinha aspirações sociais, e desprezava bastante os dançarinos que estavam sempre disponíveis para as festas de quinta-feira e sábado, e que preenchiam os jantares com os casados mais jovens. Já estava brincando com a ideia de ir para o Leste, para Nova York. Queria levar Judy Jones consigo. Nenhuma desilusão em relação ao mundo em que ela fora criada podia curar sua ilusão em relação a ela ser desejável.

Lembre-se disso – pois apenas à luz disso o que ele fez pode ser entendido.

Dezoito meses depois de conhecer Judy Jones, ele ficou noivo de outra garota. Seu nome era Irene Scheerer, e seu pai era um dos homens que sempre acreditaram em Dexter. Irene tinha cabelo loiro, era doce e honrada, e um pouco robusta, e tinha dois pretendentes, que dispensou com gosto quando Dexter pediu-a formalmente em casamento.

Verão, outono, inverno, primavera, outro verão, outro outono – fora o tanto de sua vida ativa que dera aos lábios incorrigíveis de Judy Jones. Ela o tratara com interesse, com encorajamento, com malícia, com indiferença, com desprezo. Infigira-lhe os incontáveis desprezos e pequenas indignidades possíveis nesse tipo de caso – como se se vingasse de ter chegado a se importar com ele. Tinha-o incentivado e bocejado para ele, e incentivado de novo, e ele frequentemente respondia com amargura e olhos semicerrados. Trouxera-lhe felicidade extática e intolerável agonia de espírito. Causara-lhe incalculável inconveniência, e não poucos problemas. Insultara-o, passara por cima dele e jogara seu interesse por ela contra seu interesse pelo trabalho – por diversão. Fizera de tudo, exceto criticá-lo – isso ela não fizera –, na impressão dele, apenas porque poderia macular a absoluta indiferença que ela manifestava e sentia sinceramente por ele.

Quando o outono veio, e se foi de novo, ocorreu-lhe que não poderia ter Judy Jones. Teve que enfiar isso na cabeça, mas finalmente se convenceu. Passou uma noite acordado, por um tempo, e raciocinou. Narrou a si mesmo a perturbação e a dor que ela lhe causara, enumerou seus defeitos flagrantes como esposa. Então disse a si mesmo que a amava e, depois de um tempo, caiu no sono. Por uma semana, por receio de imaginar sua

voz rouca ao telefone, ou os olhos dela em frente aos seus, no almoço, trabalhou duro e até tarde e, à noite, ia a seu escritório e planejava o futuro.

Em um final de semana, ele foi a um baile e a convidou para dançar. Era quase a primeira vez, desde que se conheciam, que não lhe pediu que se sentasse com ele, nem disse como ela estava encantadora. Doeu-lhe que ela não sentisse falta disso – e foi tudo. Não ficou com ciúmes ao ver que havia um homem novo naquela noite. Tinha ficado endurecido contra o ciúme muito tempo antes.

Permaneceu até tarde no baile. Ficou por uma hora sentado com Irene Scheerer, e falou de livros e de música. Sabia muito pouco a respeito de ambas as coisas. Mas, agora, estava prestes a ser o mestre de sua própria época, e tinha uma noção bastante pretensiosa de que ele – o jovem e já fabulosamente bem-sucedido Dexter Green – tinha que saber mais sobre essas coisas.

Isso foi em outubro, quando ele estava com 25 anos. Em janeiro, Dexter e Irene ficaram noivos. Isso seria anunciado em junho, e eles deviam se casar três meses mais tarde.

O inverno de Minnesota prolongou-se de forma interminável, e já era quase maio quando os ventos suavizaram, e a neve finalmente escorreu para o lago Black Bear. Pela primeira vez, em mais de um ano, Dexter desfrutava de certa tranquilidade de espírito. Judy Jones fora para a Flórida,

depois para Hot Springs, noivara em algum lugar, e rompera o noivado em algum lugar. No começo, quando Dexter tinha definitivamente desistido dela, ficava triste quando as pessoas ainda os associavam, e pediam-lhe notícias dela, porém, quando começou a ser colocado, nos jantares, perto de Irene Scheerer, as pessoas não perguntavam mais dela – contavam-lhe dela. Ele deixou de ser uma autoridade a respeito dela.

Maio, finalmente. Dexter caminhava pelas ruas, à noite, quando a escuridão estava úmida como a chuva, perplexo de que, tão rápido, com tão pouca coisa feita, tanto êxtase o tivesse abandonado. Maio, há um ano, fora marcado pela turbulência pungente, imperdoável, porém perdoada de Judy – fora um daqueles raros períodos em que ele imaginou que ela tinha chegado a se importar com ele. Aquela felicidade que valia um centavo ele tinha trocado por esse alqueire de contentamento. Sabia que Irene não seria mais do que uma cortina aberta atrás dele, uma mão se movendo entre xícaras reluzentes, uma voz chamando as crianças... amor e encanto eram passado, a magia das noites e o fascínio das horas e estações cambiantes... lábios delgados, virando para baixo, baixando até seus lábios e levando-o a um paraíso de olhos... Essa coisa estava profunda nele. Ele estava forte e vivo demais para que isso morresse fácil.

Em meados de maio, quando o tempo se equilibrava por alguns dias na ponte fina que levava ao alto verão, ele apareceu, certa noite, na casa de Irene. Seu noivado, agora, seria anunciado em uma semana – ninguém ficaria surpreso. E, naquela noite, ficariam sentados juntos, no salão do University Club, olhando por uma hora para os dançarinos. Ir com ela dava-lhe uma sensação de solidez – ela era tão vigorosamente popular, tão intensamente “grande”.

Subiu os degraus da casa de arenito, e entrou.

– Irene – chamou.

A sra. Scheerer saiu da sala de estar para recebê-lo.

– Dexter – ela disse –, Irene está lá em cima, com uma dor de cabeça violenta. Ela queria ir com você, mas eu a fiz ir para a cama.

– Nada sério, eu...

– Oh, não. Ela vai jogar golfe com você de manhã. Você pode ficar sem ela uma noite só, não pode, Dexter?

O sorriso dela era bondoso. Ela e Dexter gostavam um do outro. Na sala de estar, ele conversou por um momento, antes de dizer boa noite.

De volta ao University Club, onde tinha um quarto, ficou parado na entrada por um momento, olhando para os dançarinos. Apoiou-se contra o batente, acenou com a cabeça para um ou dois homens – bocejou.

– Oi, querido.

A voz familiar muito próxima sobressaltou-o. Judy Jones tinha largado um homem e atravessado o salão até ele – Judy Jones, uma boneca esbelta esmaltada em tecido de ouro: ouro em uma faixa na cabeça, ouro nas duas pontas dos calçados, aparecendo na barra de seu vestido. O brilho frágil de seu rosto pareceu desabrochar quando ela sorriu para ele. Uma brisa de calor e luz soprou pelo salão. As mãos dele se fecharam com espasmos no bolso de seu *smoking*. Foi tomado de uma excitação repentina.

– Quando você voltou? – ele perguntou, em tom casual.

– Venha aqui que eu lhe conto.

Ela se virou, e ele a seguiu. Ela tinha estado fora – ele podia chorar, maravilhado por seu regresso. Ela tinha passado por ruas encantadas, fazendo coisas que eram como música provocativa. Todos os acontecimentos misteriosos, todas as esperanças frescas e aceleradas que ela levava embora agora regressavam com ela.

Na porta, ela se virou.

– Você tem carro aqui? Se não tiver, eu tenho.

– Tenho um cupê.

Ela entrou, com um farfalhar de tecido dourado. Ele bateu a porta. Ela tinha entrado em tantos carros – como este – como aquele – com as costas contra o couro – o cotovelo apoiado na porta – esperando. Teria se sujado há tempos, se houvesse algo para sujá-la – a não ser ela mesma –, mas essa era sua personalidade transbordando.

Com um esforço, ele se obrigou a ligar o carro e dar ré em direção à rua. Aquilo não era nada, ele tinha que se lembrar. Ela tinha feito isso antes, e ele a tinha deixado para trás, como teria riscado uma conta ruim de seus livros.

Dirigiu lentamente pelo centro e, afetando estar abstraído, cruzou as ruas desertas do bairro de negócios, com gente aqui e ali onde um cinema despejava uma multidão, ou uma juventude destrutiva e briguenta se reunia em frente a salas de bilhar. Batidas de copos e de mãos no balcão provinham dos bares, claustros de vidro lustroso e luz amarela suja.

Ela o observava com atenção, e o silêncio era constrangedor, porém, naquela crise, ele não conseguia encontrar uma palavra casual que profanasse o momento. Em uma curva conveniente, ele se pôs a ziguezaguear de volta para o University Club.

– Você sentiu a minha falta? – ela perguntou, de repente.

– Todos sentiram a sua falta.

Ele se perguntou se ela sabia de Irene Scheerer. Ela tinha voltado há apenas um dia – sua ausência fora quase contemporânea do noivado dele.

– Que comentário! – Judy riu, triste – sem tristeza. Fitou-o de forma inquisitiva. Ele se concentrou no painel.

– Você está mais bonito do que era – ela disse, pensativa. – Dexter, seus olhos são os mais memoráveis.

Ele podia ter rido disso, mas não riu. Era o tipo de coisa que se dizia aos universitários do segundo ano. Contudo, aquilo foi uma punhalada nele.

– Estou terrivelmente cansada de tudo, querido. – Ela chamava todo mundo de querido, dotando o carinho de uma camaradagem descuidada, individual. – Queria que você se casasse comigo.

Aquela franqueza confundiu-o. Deveria ter-lhe dito agora que ia se casar com outra garota, mas não conseguia dizê-lo. Com a mesma facilidade, poderia ter jurado que jamais a amara.

– Acho que nos daríamos bem – ela continuou, com o mesmo tom –, a não ser, provavelmente, que você tenha me esquecido e se apaixonado por outra garota.

Sua confiança era obviamente enorme. Ela tinha dito, na verdade, que achava uma coisa dessas impossível de acreditar, que, se fosse verdade, ele tinha apenas cometido uma indiscrição infantil – e provavelmente para se exibir. Ela o perdoaria, pois não era uma questão de importância alguma, e sim algo a ser facilmente deixado de lado.

– Claro que você jamais poderia amar alguém além de mim – ela continuou. – Gosto do jeito que você me ama. Oh, Dexter, você se esqueceu do ano passado?

– Não, não me esqueci.

– Nem eu!

Estaria ela sinceramente comovida – ou se deixara levar pelo impulso de sua própria atuação?

– Gostaria que pudéssemos ficar daquele jeito de novo – ela disse, e ele se obrigou a responder:

– Não acho que podemos.

– Creio que não... Ouvi dizer que você está fazendo uma corte forte a Irene Scheerer.

Não havia a menor ênfase no nome, mas Dexter ficou repentinamente envergonhado.

– Oh, leve-me para casa – gritou Judy, de repente. – Não quero voltar para aquele baile idiota – com aquelas crianças.

Então, quando ele entrou na rua que levava ao bairro residencial, Judy começou a chorar, baixinho, para si mesma. Ele nunca a vira chorar antes.

A rua escura se iluminou, as moradias dos ricos cresceram em volta deles, ele parou o cupê na frente da grande estrutura branca da casa dos Mortimer Jones, sonolenta, linda, embebida no esplendor do luar úmido. Sua solidez espantou-o. As paredes fortes, o aço das vigas, a vastidão, luminosidade e pompa daquilo estavam lá apenas para ressaltar o contraste com a jovem beldade a seu lado. Era robusta para acentuar a fragilidade dela – para demonstrar a tamanha brisa que pode ser gerada por uma asa de borboleta.

Ficou sentado, perfeitamente calado, com os nervos em clamor selvagem, temendo que, caso se movesse, iria encontrá-la irresistivelmente em seus braços. Duas lágrimas tinham rolado pelo rosto úmido dela, e tremiam em seu lábio superior.

– Sou mais bonita do que qualquer uma – ela disse, de forma entrecortada –, por que não posso ser feliz?

Seus olhos úmidos rasgaram a sensibilidade dele – a boca dela virou-se para baixo devagar, com uma tristeza deliciosa:

– Quero me casar com você, se você quiser que eu seja sua, Dexter. Creio que você acha que não valho a pena, mas vou ser muito bonita para você, Dexter.

Um milhão de frases de raiva, orgulho, paixão, ódio, ternura debateram-se nos lábios dele. Então, uma onda perfeita de emoção engoliu-o, arrastando qualquer sedimento de sabedoria, de convenção, de dúvida, de honra. Era a sua garota que estava falando, a dele, sua beleza, seu orgulho.

– Você não vai entrar? – Ele a ouviu inspirar abruptamente.

Esperando.

– Tudo bem – a voz dele tremia. – Eu vou.

V

É estranho que, nem quando acabou, nem muito tempo depois ele se arrependeu daquela noite. Olhando para ela com a perspectiva de dez anos, o fato de que o ardor de Judy por ele durou apenas um mês parecia de pouca importância. Tampouco importava que, ao renunciar a ela, sujeitou-se à profunda agonia no final, e magoou seriamente Irene Scheerer e seus pais, que tinham ficado seus amigos. A dor de Irene não tinha nada pictórico o suficiente para ficar estampada em sua mente.

Dexter era, no fundo, um cabeça-dura. A atitude da cidade com relação a sua ação não tinha nenhuma importância para ele, não porque ele fosse deixar a cidade, mas porque qualquer atitude exterior com relação à situação parecia superficial. Era completamente indiferente à opinião popular. Nem quando viu que não adiantava, que não possuía o poder de comover fundamentalmente, ou de reter Judy Jones, passou a querê-la mal. Amava-a e a amaria até o dia em que estivesse velho demais para amar – mas não podia tê-la. De modo que ele experimentou a dor mais profunda, que é reservada apenas aos fortes, assim como tinha experimentado, por breve período, a felicidade profunda.

Mesmo a falsidade suprema do pretexto pelo qual Judy terminou o noivado, que ela não queria “tirá-lo” de Irene – Judy, que não queria nada além disso –, não o revoltou. Ele estava além de qualquer repulsa ou diversão.

Foi para o Leste em fevereiro, com a intenção de vender suas lavanderias, e se estabelecer em Nova York – mas a guerra chegou à América em março, e mudou seus planos. Voltou para o Oeste, entregou a direção dos negócios a seu sócio, e ingressou no primeiro campo de treinamento de oficiais no final de abril. Era um daqueles milhares de jovens que saudaram a guerra com certa dose de alívio, agradecendo serem libertados das teias emaranhadas da emoção.

VI

Essa história não é a biografia dele, lembre-se, embora intrometam-se coisas que não têm nada a ver com os sonhos que ele tinha quando jovem. Agora quase terminamos de falar dele, e deles. Há apenas mais um incidente a ser relatado aqui, que acontece sete anos mais tarde.

Aconteceu em Nova York, onde ele se deu bem – tão bem que não havia obstáculo grande demais para ele. Tinha 32 anos e, à exceção de uma viagem de avião, imediatamente depois da guerra, ficou sete anos sem ir para o Oeste. Um homem chamado Devlin, de Detroit, entrou em seu escritório, para vê-lo a negócios, e ali e então ocorreu o incidente que fechou, por assim dizer, esse lado particular de sua vida.

– Então você é do Meio-Oeste – disse Devlin, com curiosidade descuidada. – Que engraçado – achei que homens como você fossem provavelmente nascidos e criados em Wall Street. Sabe, a mulher de um dos meus melhores amigos de Detroit é da sua cidade. Ajudei na recepção⁷⁰ de seu casamento.

Dexter aguardou, sem apreensão, o que estava por vir.

– Judy Simms – disse Devlin, sem interesse particular –; antes era Judy Jones.

– Sim, eu a conheci. – Uma impaciência embotada o tomou. Claro que tinha ouvido que ela se casara – não tinha ouvido nada mais, talvez deliberadamente.

– Uma garota terrivelmente simpática – refletiu Devlin, de forma inexpressiva. – Tenho uma certa pena dela.

– Por quê? – Algo em Dexter ficou, de súbito, alerta e receptivo.

– Oh, Lud Simms se deteriorou, de certa forma. Não quero dizer que a maltrate, mas bebe e pula a cerca...

– Ela não pula a cerca?

– Não. Fica em casa com os filhos.

– Ah.

– Ela é um pouco velha demais para ele – disse Devlin.

– Velha demais! – gritou Dexter. – Como, cara, ela só tem 27 anos.

Foi possuído pela noção selvagem de sair correndo pelas ruas e pegar um trem para Detroit. Ergueu-se em um espasmo.

– Acho que você está ocupado – Devlin desculpou-se rapidamente. – Não percebi...

– Não, não estou ocupado – disse Dexter, acalmando a voz. – Não estou ocupado de jeito nenhum. Nem um pouco ocupado. Você disse que ela tinha 27? Não, eu disse que ela tinha 27.

– Sim, você disse – concordou Devlin, seco.

– Continue, então. Continue.

– O que quer dizer?

– A respeito de Judy Jones.

Devlin fitou-o de forma desamparada.

– Bem, é isso, contei tudo. Ele a trata como o diabo. Oh, eles não vão se divorciar, nem nada. Quando ele é particularmente ofensivo, ela o perdoa. Na verdade, inclino-me a pensar que ela o ama. Ela era uma garota bonita quando foi a Detroit pela primeira vez.

Uma garota bonita! A frase abalou Dexter por sua comicidade.

– Ela não é mais – uma garota bonita?

– Oh, ela é legal.

– Veja – disse Dexter, sentando-se de repente. – Não entendo. Você disse que ela era uma “garota bonita”, e agora diz que ela é “legal”. Não entendo o que você quer dizer – Judy Jones não era uma garota bonita, de jeito nenhum. Ela era uma grande beldade. Ora, eu a conheci, eu a conheci. Ela era...

Davlin riu com gosto.

– Não estou tentando causar um tumulto – ele disse. – Acho Judy uma garota simpática, e gosto dela. Não consigo entender como um homem como Lud Simms podia se apaixonar loucamente por ela, mas ele o fez. E acrescentou: – A maioria das mulheres gosta dela.

Dexter olhou de perto para Devlin, pensando ferozmente que devia haver alguma razão para aquilo, alguma insensibilidade ou malícia privada daquele homem.

– Muitas mulheres definham assim – Devlin estalou os dedos. – Você deve ter visto acontecer. Talvez eu tenha me esquecido de quão bonita ela estava no casamento. Veja, eu a vi bastante desde então. Ela tem belos olhos.

Um certo entorpecimento baixou em Dexter. Pela primeira vez na vida, teve vontade de ficar muito bêbado. Sabia que estava rindo alto de algo que Devlin dissera, mas não sabia o que era, nem por que era engraçado. Quando, poucos minutos depois, Devlin saiu, ele se deitou no divã e olhou pela janela, para o horizonte de Nova York, onde o sol baixava em belos tons opacos de rosa e ouro.

Achava que, não tendo nada a perder, estava finalmente invulnerável – mas sabia que acabara de perder algo mais, com tanta certeza como se tivesse se casado com Judy Jones e a visto definir diante de seus olhos.

O sonho se fora. Algo tinha sido tirado dele. Em uma espécie de pânico, levou as palmas das mãos aos olhos, e tentou evocar uma imagem das águas marulhando em Sherry Island, e a varanda enluzada, e o guingão nos *links* de golfe, e o sol seco, e a cor de ouro da penugem suave de seu pescoço. E sua boca, úmida com os beijos dele, e seus olhos queixosos de melancolia, e o frescor dela, como linho fino e novo ao amanhecer. Ora, aquelas coisas não existiam mais no mundo! Tinham existido e não existiam mais.

Pela primeira vez, em anos, lágrimas corriam-lhe pela face. Mas agora eram por ele. Não se importava com boca, olhos, e mãos a se moverem. Queria se importar, mas não se importava. Pois ele tinha ido embora e nunca mais poderia voltar. Os portões estavam fechados, o sol tinha baixado e não havia beleza além da beleza cinza do aço, que resiste a todo o tempo. Mesmo a dor de que poderia ter padecido fora deixada para trás, no país da ilusão, da juventude, da riqueza da vida, onde seus sonhos de inverno floresceram.

– Muito tempo atrás – ele disse –, muito tempo atrás, havia algo em mim, mas agora isso se foi. Agora isso se foi, isso se foi. Não posso chorar. Não posso me importar. Aquilo não voltará nunca mais.